

Imagens que consumimos; imagens que nos consomem¹

Michel de Oliveira²

Resumo: Este estudo aborda a influência das imagens sobre as reconfigurações do corpo na contemporaneidade. A hipótese levantada é a de que as imagens do culto à aparência estão imbricadas em um processo de controle do corpo, que afeta diretamente o sentimento de propriocepção dos indivíduos. Para traçar uma compreensão inicial sobre isso, apresenta-se a avaliação crítica de três fenômenos: o imperativo do físico perfeito, a estética da pele impecável e a lógica do corpo como mercadoria. Análise que visa estabelecer conexões entre esses processos, situando-os como componentes da complexa teia da atual cultura visual. Discussão que tem como referenciais o conceito de iconofagia, de Baitello Junior, as contribuições sobre corpo, de Sibília, e as considerações sobre as imagens técnicas, de Flusser.

Palavras-chave: Consumo de imagens; cultura visual; iconofagia; reconfigurações do corpo.

Abstract: This study addresses the influence of images on the body reconfigurations in contemporary times. The hypothesis is that the images derived from the appearance cult are related to a process of body control, which directly affects the person's sense of proprioception. To draw an initial understanding of it, it is presented a critical evaluation of three phenomena: the imperative of the perfect physique, the impeccable skin an esthetic and the logic of the body as a commodity. This analysis seeks to establish connections between these processes, placing them as components of the complex web that is the current visual culture. The discussion here has as references the concept of iconofagia, of Baitello Junior, the contributions about body, of Sibília, and the considerations on imaging techniques, of Flusser.

Keywords: image consumption; visual culture; iconofagia; reconfigurations of the body.

Reflexos e reflexões iniciais

As imagens existem porque existem os homens. Ao menos essa é uma premissa aceitável para o pensamento ocidental. Mas e se os homens existirem porque antes deles existiram as imagens? Na narrativa do Gênesis, Adão foi criado à imagem e

¹Trabalho apresentado no GT 6- Culturas Urbanas, do Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem - ENCOI.

²Graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Mestrando em Comunicação e estudante da Especialização em Fotografia: Práxis e Discurso, ambos pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: michel.os@hotmail.com.br.

semelhança de Deus. Para a mitologia cristã, ser imagem seria uma condição inerente ao ser humano, o que subverte a lógica do homem como precursor da criação imagética.

Apesar de ser uma questão ainda pouco discutida nos limites da racionalidade acadêmica, a relação homem e imagem está presente de forma bastante pontuada em narrativas que povoam o imaginário. A figura mítica de Narciso e o personagem Dorian Gray, imortalizado pelo escritor Oscar Wilde, apresentam formas alegóricas de como os indivíduos se relacionam com seu duplo imagético.

Narciso foi condenado a se apaixonar pela própria imagem, como castigo por ser tão indiferente aos sentimentos de Eco, uma ninfa por ele enamorada. O belo rapaz ficou a contemplar-se na beira da fonte, sem saber que se tratava do próprio reflexo. Na versão mais conhecida do mito, Narciso morre afogado ao se jogar na água para tentar alcançar a figura que via refletida. Em outra versão, ele desfaleceu após dias de contemplação à imagem no espelho d'água. O corpo de Narciso não foi encontrado. No lugar onde ele sucumbiu, nasceu uma flor estéril, que ainda hoje leva seu nome.

Em seu único romance, *O retrato de Dorian Gray*, Oscar Wilde apresenta de forma bastante complexa a relação entre o jovem Dorian e o seu retrato, pintado por um talentoso artista. Ao se dar conta de sua juventude e beleza retratadas na tela, o rapaz desejou que o quadro envelhecesse em seu lugar, enquanto ele permaneceria jovem e com boa aparência.

O anseio de Dorian foi misteriosamente atendido. Quando percebeu que seria eternamente jovem e que não teria sua beleza consumida pelos anos, ele se entregou ao hedonismo de uma vida motivada pelo esteticismo. Dorian existia no mundo físico como uma imagem: impassível diante da ação do tempo. Mas, como Narciso, era incapaz de cultivar sentimentos profundos. Viveu envaidecido, em busca de prazeres efêmeros, enquanto sua alma envelhecia, aprisionada no retrato.

Atormentado pela própria imagem, que sofria a ação do tempo e ganhava um aspecto repugnante e atroz, Dorian decidiu destruir o quadro, rasgando-o com uma faca. Momentos depois, seu corpo envelhecido e desfigurado foi encontrado com a lâmina cravada no coração, ao lado do quadro, intacto, como havia sido idealizado pelo pintor.

Essas narrativas brevemente apresentadas são tomadas como ponto de partida para discutir a relação entre indivíduo e imagem na sociedade contemporânea. A busca por um corpo imagético, formatado para se encaixar no padrão que pretende ser dominante, é uma constante que pode ser observada nas peças publicitárias, nos programas de televisão, nas imagens publicadas em revistas, nos corpos apresentados no cinema e nas fotografias compartilhadas pelos usuários nas redes virtuais da internet.

Nas duas histórias, os personagens sucumbem em um fim trágico: consumidos pela própria imagem. O estudo aqui apresentado se debruça sobre essa relação intrínseca entre corpo e imagem, muitas vezes desconsiderada, ou até mesmo vista como uma associação fantasiosa ou alarmista.

Na tentativa de traçar uma compreensão inicial sobre o tema, serão discutidos alguns processos e práticas decorrentes da estetização e do culto ao corpo na contemporaneidade. O objetivo é avaliar as imbricações e de que maneira afetam os indivíduos, a partir das implicações que podem ser observadas nas atuais conformações do corpo. Será o destino daqueles que se detêm à devoção da própria imagem o mesmo de Narciso ou de Dorian Gray, consumidos pelas imagens que consomem?

Quando a *Barbie* deixou de ser de plástico

Em uma sociedade cada vez mais dirigida às imagens, uma norma se faz imperativa: a perfeição do corpo. É preciso submeter a matéria orgânica a uma série de privações e de punições, para que assim encontre a libertação de sua natureza corrompida pela gordura, rugas e pelos. Ao se referir às reconfigurações do corpo como imagem, Sibilá (2004, p. 69, grifos da autora) comenta:

As novas práticas **bio-ascéticas** dos regimes alimentares, das cirurgias plásticas e dos exercícios físicos se expandem velozmente na procura do *fitness* – isto é, da árdua *adequação* dos corpos humanos a um ideal exalado pelas imagens midiáticas cada vez mais onipresentes e tirânicas, impondo por toda parte um modelo corporal hegemônico, e disseminando uma rejeição feroz diante de qualquer alternativa que se atreva a questioná-lo.

O complexo sistema de células e tecidos tornou-se obsoleto. O corpo na era da digitalização precisa se reconfigurar, fazer um *upgrade*. As formações biológicas são insuficientes, é preciso aperfeiçoá-las. “[...] nos saberes hegemônicos contemporâneos é possível detectar certas tendências ‘neognósticas’, que rejeitam a organicidade e a materialidade do corpo humano para procurar – na sua superação – um ideal ascético, artificial, virtual, imortal” (SIBILIA, 2002, p. 42).

No livro *O homem pós-orgânico*, Sibilía (2002) aponta como meta principal da tecnociência contemporânea instituir um novo domínio para o corpo, controlando a matéria e instituindo uma nova reconfiguração em que manipulação genética se imbrica com técnicas computacionais, a fim de expurgar do sistema biológico as “falhas” indesejáveis que marcam a perecibilidade das células.

Enquanto esse ideal fáustico institui os primeiros fundamentos, o corpo se vê submetido aos constrangimentos de extenuantes exercícios físicos, que visam dar os contornos esperados para a estrutura física de homens e mulheres, que se veem impelidos a apresentar um corpo musculoso, rijo, livres de estrias, celulites, pelos, sardas e cicatrizes. “Trata-se de uma questão de imagem, evidentemente”, destaca Sibilía (2012, p. 99). Mas podem as imagens reconfigurar os corpos?

Baitello Junior (2005) pondera que sim. Em sua obra *A Era da Iconofagia*, o filósofo da comunicação defende que as imagens estão inseridas em um processo de devoração: “Alimentar-se de imagens significa alimentar imagens, conferindo-lhes substância, emprestando-lhes os corpos” (2005, p. 97). Ao fazer essa afirmação, o autor explicita a simbiose entre corpo e imagem. Um processo de retroalimentação contínua, no qual imagens modelam corpos, estes, por sua vez, servem como objeto de representação para mais imagens, que são replicadas em um ciclo contínuo.

Esse processo de devoração, nominado de iconofagia, acontece em três estágios interdependentes: a) imagens devoram imagens; b) homens devoram imagens; c) imagens devoram corpos. “[...] o mundo das imagens iconofágicas possui uma dimensão abismal. Por trás de uma imagem haverá sempre uma outra imagem que também remeterá a outras imagens” (BAITELLO JUNIOR, 2000). Nesse contexto, não é demasiado afirmar que por trás de cada corpo contemporâneo há uma infinidade de

imagens que o reconfigura, o que amplia as proporções abismais. Em outras palavras: com os radicalismos da cultura visual contemporânea, as imagens reconfiguram os corpos, que passam a se portar imagetivamente para alimentar mais imagens.

Ao comentar sobre as crescentes imposições da cultura fotográfica, no ensaio *A Filosofia da Caixa Preta*, de 1983, Vilém Flusser apresenta uma inquietação que explicita bem como se dá a sobrevivência do corpo para atender às exigências do universo fotográfico, e, por consequência, das imagens técnicas em geral: “*Estar no universo fotográfico implica viver e valorar e função de fotografias.* [...] Trata-se de existência robotizada, cuja liberdade de opinião, de escolha e de ação torna-se observável se confrontada com os robôs mais aperfeiçoados” (FLUSSER, 2009, p. 66, grifos do autor).

Atualmente, a imposição do corpo-imagem é vendida com a embalagem de “boa saúde”, que pode ser comprada de várias maneiras: pacotes em academias, *shakes* emagrecedores, cápsulas das mais variadas substâncias, dietas milagrosas de capas de revistas. A estética do corpo imagético sustenta toda uma cadeia econômica, que envolve médicos, nutricionistas, esteticistas, educadores físicos e *personal trainers*, farmacêuticos, profissionais da propaganda, da moda e da cosmética, entre muitos outros. A produção do corpo-imagem é tão rentável que até mesmo as disfunções, a exemplo da anorexia, vigorexia ou transtorno dismórfico, são responsáveis por acrescentar cifras ao processo.

“[...] em pleno auge do ‘culto ao corpo’, o que é exatamente isso que tanto veneramos?”, questiona Sibilia (2012, p. 102). Se antes o ideal estético greco-romano privilegiava a *mens sana in corpore sano*, talvez agora já seja possível falar em uma nova configuração: um corpo insano. Corpo esse que não mais atende às necessidades biológicas de movimento, flexibilidade e força. Um corpo-imago, vazio como uma máscara mortuária, que não mais se sustenta apenas com legumes, frutas e carne, mas que necessita de creatinina, *whey protein* e inúmeras outras substâncias. Corpo desenhado para atender à estética de fixidez das imagens publicitárias, ou à lógica narcísica dos vídeos divulgados nas redes virtuais da internet. Corpo que, quando não mais atende às imposições extenuantes dos exercícios físicos, é remodelado por um bisturi que retira excessos, sobras, imperfeições.

Será que se anuncia um tempo em que os extremos da plasticidade imagética passarão a dominar ainda mais diretamente a matéria biológica? Alguns indícios levam a crer que sim. Notícias de pessoas que fizeram mudanças radicais em seus corpos têm ganhado gradativo destaque. O caso do “Ken Humano” é um dos muitos exemplos que ilustra o que parece ter potencial para se tornar uma prática comum: a transformação do próprio corpo para atender a um ideal imagético. O mineiro Celso Santebañes (Figuras 1 e 2), 20 anos, passou por uma série de cirurgias para se tornar parecido com o boneco Ken - versão masculina da Barbie, da empresa Mattel.

Em entrevista ao G1 Triângulo Mineiro³, ele declarou: “Eu me sinto bem quando me olho no espelho. Eu tenho necessidade de me ver e é como se meu reflexo conversasse comigo. A fonte que me alimenta é o reflexo da minha imagem, porque eu gosto de estar com ela”. Não seria esse o paradigma de Narciso, amar a sua imagem e não a si próprio? Sobre isso, Lowen (1993, p. 17) comenta: “[...] o narcisista identifica-se com a imagem idealizada. A autoimagem real se perdeu. [...] Os narcisistas não funcionam em termo de autoimagem real, porque esta lhes é inaceitável”.

Figuras 1 e 2: “Ken Humano”, extremo da imagem que domina o corpo



Fotografias: acervo pessoal de Celso Santebañes. **Disponível em:** <https://www.facebook.com/celso.Santebanes/photos>. **Acesso em:** 13 out. 2014

³<http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2014/07/modelo-de-araxa-considerado-versao-humana-de-ken-lanca-boneco-em-sp.html>

O exemplo acima reflete como a construção do corpo-imagem está descolado da subjetividade interior do corpo, a ponto de os indivíduos abrirem mão das feições do próprio rosto -“O rosto, enquanto único, físico, maleável e público, é o primeiro símbolo do Eu” (SYNNOTT *apud* MEDEIROS, 2000, p. 73) - para dar lugar à imagem.

A morte de Brigitte Bardot

Além das implicações nos contornos do corpo, a estética imposta pela cultura imagética se apresenta como uma patrulha a todo tipo de imperfeição epidérmica. A regra, em tempos de retoque digital, é que a pele seja lisa, sem marcas, livre de qualquer traço do tempo. Isso evoca uma prática bastante em voga: o tratamento de imagem, utilizada para aperfeiçoar as fotografias digitais.

Como o processo é sempre mútuo, o tratamento da pele saiu dos domínios da imagem para se tornar uma imposição ao corpo. Daí é possível ver o “Photoshop da vida real”, a realizar sua patrulha de imperfeições, que podem ser corrigidas com uma série de técnicas: aplicações de botox, *lifting*, preenchimentos, *peellings*, depilação a laser, e toda uma gama de procedimento para deixar a pele como a de uma fotografia de capa de revista. Já que a imagem do corpo midiático não é real, mas um protótipo para atender às exigências da virtualização, então que tipo de corpo é almejado hoje? Será um novo Frankenstein, feito de pedaços de imagens? Ou terá Dorian Gray reencarnado como modelo na sociedade contemporânea?

A busca pelo corpo perfeito e as imposições da pele lisa têm como consequência o culto à juventude. Justamente quando a população mundial envelheceu consideravelmente, ser velho é motivo de vergonha. “Em meio a essa crescente tirania das aparências juvenis, a velhice é censurada como se fosse algo obsceno e vergonhoso, que deveria permanecer oculto, fora da cena, sem ambicionar a tão cotada visibilidade” (SIBILIA, 2012, p. 97).

A obscenidade da velhice, com suas rugas e marcas do tempo, fez com que Brigitte Bardot, ícone do cinema francês, se retirasse da cena midiática para viver

um exílio particular. A atriz abandonou a carreira aos 40 anos, no auge da fama, immortalizando a imagem jovem exposta nas telas dos cinemas e peças publicitárias. Por anos, nenhuma fotografia do *sex symbol* loiro. Até que flagras da atriz no começo dos anos 2000 a trouxe de volta aos holofotes midiáticos. O motivo? Brigitte Bardot havia envelhecido sem intervenções cirúrgicas, exibindo suas rugas e cabelos brancos como marcas de sua própria ruína (Figura 3).

Figura 3: Brigitte Bardot imagem *versus* Brigitte Bardot corpo



Disponível em: <http://bucket1.clanacion.com.ar/anexos/fotos/43/que-es-de-la-vida-de-1949843w618.jpg>.
Acesso em: 14 out. 2014

Brigitte Bardot estava morta enquanto ícone. Sua imagem septuagenária era uma afronta aos padrões morais e imagéticos, um acinte ao imaginário que teima em preservar a memória com um retrato imutável. “No império da cultura audiovisual hoje triunfante, a catástrofe se estampa nos traços *visíveis* do envelhecimento, que se consideram marcas de fraqueza ou sinais de derrota e, por tal motivo, seriam moralmente condenáveis” (SIBILIA, 2012, p. 100, grifo da autora).

O padrão de beleza dominante institui uma nova forma de censura ao corpo, não mais expressas pelas proibições dos desejos e paixões carnis, como fazia a Igreja, mas como uma censura explícita aos corpos que não se encaixam nas imposições imagéticas. “Assim, a imagem de cada um passou a ser fundamental para definir quem se é, e os códigos midiáticos que regulam essas imagens estão longe de ser ‘livres’” (SIBILIA, 2012, p. 111). Não seria isso uma imposição ainda mais cruel do que a

instituída pela religião? Ou, como pondera Sibilia (2002, p. 145), “um perigoso fantasma que torna a percorrer o mundo: o da eugenia?”.

Quanto vale um corpo?

Se a pergunta fosse quanto vale uma imagem, talvez fosse possível fazer um cálculo matemático para encontrar tal cifra. No entanto, ainda que seja possível fazer uma soma aritmética para valorar um corpo, o preço oferecido seria insuficiente para dar conta de toda a complexidade biológica e subjetiva que constituem um indivíduo. Apesar disso, os corpos hoje são vendidos nas mais diversas vitrinas. Os corpos-imagem são submetidos a uma lógica de mercado, no qual a exibição a qualquer custo parece se tornar a principal propaganda. O pagamento? A atenção dos olhos alheios e *likes* de aprovação.

Mas a que serve a conformação do corpo como imagem? “Transformados em imagens, os corpos devem integrar uma nova lógica de produção”, assevera Baitello Junior (2005, p.20). E em que consiste essa lógica? Sibilia aponta uma resposta plausível: “Produzir sujeitos **consumidores**, eis o interesse primordial do novo capitalismo pós-industrial de alcance globalizado” (2002, p. 168-169, grifo da autora). E complementa:

Esses corpos consumidores se despertam por comprar, com um entusiasmo digno de melhores causas, uma determinada imagem corporal: aquela que se considera válida ou adequada. Nesse itinerário, lutam sem trégua por manterem aquilo que de todo modo se esvairá: uma aparência jovem, lisa e boa (SIBILIA, 2012, p. 111).

Ainda sobre o contexto do ciclo produtivo das imagens-corpo, Flusser (2008, p. 23-24) pontua: “As novas imagens não são apenas modelos para futuros produtores de imagens, mas são, mais significativamente, modelos para a futura experiência, para a valoração, para o conhecimento e para a ação da sociedade”. Com isso, o pensador explicita que há uma intrínseca relação entre a produção das imagens técnicas e as relações sociais. Ao invés de as imagens nortearem os indivíduos, elas se colocam como anteparos que intervêm diretamente na experiência: “O homem, ao invés

de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função das imagens” (FLUSSER, 2009, p. 9).

A profusão de imagens geradas pelo acirramento da cultura da visualidade gera o entorpecimento ante as próprias imagens, assim como Narciso a contemplar-se no lago. Essa alienação de si e o conseqüente reposicionamento do corpo-imagem como elemento de destaque nas relações humanas – cada vez mais mediada por imagens – pode ser encarado como o estágio mais radical do capitalismo, no qual sujeitos consumidores formatam os próprios corpos como imagem para que possam ser vendidos e consumidos nas “feiras imagéticas” da sociedade contemporânea, fissurada em telas e *gadgets*.

Afirma Sibilía (2012, p. 70): “Nesse contexto, a subjetividade é estruturada em função da superfície visível do corpo, que se torna um espaço de criação epidérmica e um campo propício para expressão do que cada um é”. Se a imagem é superfície, o corpo-imagem tenta também ser superficializado, perdendo profundidade. Esse entendimento é a base do pensamento de Flusser (2008, p. 17) sobre a superficialidade imagética: “As imagens abstraem, portanto, a profundidade das circunstâncias e as fixam em planos, transformam a circunstância em cena”.

O corpo-imagem, transformado em superfície, é agredido em suas necessidades de aprofunda-se, de entranhar-se nos recônditos da subjetividade humana:

Pois com a crise da “vida interior” e o deslocamento da identificação subjetiva para a exterioridade e para a visibilidade hoje o caráter se torna extremo. Cada um passa a *ser* aquilo que *mostra* de si. Cada vez mais, a marca identitária se fundamenta nas aparências, nos sinais exteriores e visíveis emitidos por cada pessoa. O corpo se torna uma **imagem** a ser exibida; e essa imagem *deve* ser jovem, bela e magra (SIBILIA, 2004, p. 73, grifos da autora).

Como consequência da sobrevida como imagem, as necessidades do corpo são centralizadas na visualidade. Os olhos se tornam o principal canal de mediação. A visão perde sua função de alerta e sucumbe à sedação provocada pelas infinitas imagens. “Fatigado o grande sentido de alerta, tornam-se os corpos presas fáceis dos monstros de luz e passam a ser devorados pelas imagens, criaturas da luz, da expansão e da conquista, das leis da economia e da economia dos sinais” (BAITELLO JUNIOR, 2005, p. 20).

Salvo em casos mais drásticos, quando a sobrevida como imagem acaba fazendo sucumbir o corpo, nominado em outro estudo de iconotragédia - “acontecimentos trágicos provocados no afã de se produzir uma imagem ou como consequência direta de uma situação mediada imageticamente” (OLIVEIRA, 2014, p. 9) -, o corpo biológico continua a existir, mas não sem perdas, conforme pontua Baitello Junior (2007, p.81): “O corpo continua sobrevivendo, mas com uma restrição do seu imaginário e, conseqüentemente, um empobrecimento do mesmo. Portanto, um empobrecimento da cultura, da capacidade de imaginação, da capacidade criativa”.

Outra implicação do domínio das imagens sobre o corpo é a perda da propriocepção, uma tipo de sexto sentido, por meio do qual o indivíduo reconhece as complexidades e necessidades do próprio organismo, em seus aspectos biológicos e psíquicos.

Quanto mais vemos, menos vivemos, quanto menos vivemos, mais necessitamos de visibilidade. E quanto mais visibilidade, tanto mais invisibilidade, tanto mais invisibilidade e tanto menos capacidade de olhar. Assim, o primeiro sacrifício desse círculo vicioso termina por ser o próprio corpo, em sua complexidade multifacetada, tátil, olfativa, auditiva, performática e proprioceptiva (BAITELLO JUNIOR, 2005, p. 86).

Em seu estudo sobre o narcisismo, Lowen (1993), aponta a perda da propriocepção como um dos estágios da sedação narcótica, o que leva a pessoa a projeção da imagem idealizada de si em detrimento da autoimagem real:

Sem um bom sentimento corporal, a pessoa só pode projetar uma imagem do que acha que deve ser um corpo de boa aparência. Quanto mais a pessoa se concentra nessa imagem, mais se priva de bons sentimentos em seu próprio corpo. No final, a imagem prova ser apenas uma pobre máscara; não mais esconde a tragédia da vida interior vazia (LOWEN, 1993, p. 41).

O apontamento apresentado pelo psicanalista apresenta indícios para compreender a profusão de *selfies* e imagens do corpo em redes sociais como uma característica narcísica deste tempo: “É um sinal da tendência narcisista de nossa cultura que as pessoas tenham se tornado super envolvidas com suas imagens” (LOWEN, 1993, p.40).

Para Machado (2009, p. 19) esse envolvimento exacerbado dos indivíduos com as imagens marca a passagem da sociedade do espetáculo para uma

sociedade midíocre – na qual o corpo é formatado como evento midiático –, hiperespetacular: “O hiperespetáculo não é um conjunto de imagens medíocres, mas uma relação ‘associal’ entre pessoas midíocres mediada por imagens que se tornaram autônomas, vazias e fantasmagórica”.

Apesar de a relação corpo e imagem não ser total, esse é um processo que se pretende totalizante. Em maior ou menor grau, os indivíduos da sociedade atual são assaltados pelas imposições imagéticas, o que suscita a importância da compreensão crítica dos fenômenos que são mediados pelas imagens técnicas. Conforme alerta Flusser (2008, p. 36):

A tarefa da crítica de imagens técnicas é pois precisamente a de des-ocultar os programas por detrás das imagens. A luta entre os programas mostra a intenção produtora humana. Se não conseguimos aquele deciframento, as imagens técnicas se tornarão opacas e darão origem a nova idolatria, a idolatria mais densa que a das imagens tradicionais antes da invenção da escrita.

Essa crítica, no entanto, não pretende demonizar a produção e circulação de imagens. Antes, busca reestabelecer a função das imagens: de biombos para bússolas que norteiem os indivíduos em sua existência no mundo (FLUSSER, 2009, p. 9). Portanto, a crítica às imagens aqui apresentada visa suscitar o pensamento crítico, pois “o pensamento é singular, e é na singularidade que o pensamento pode ser capaz de nos proteger” (BAUDRILLARD, 2001, p. 35).

Inquietações finais

Obviamente que o processo de reconfiguração dos corpos não é decorrência apenas da ação das imagens – ainda que elas tenham uma participação direta. Antes, são consequência de um complexo panorama de formatação da subjetividade, por meio dos discursos dominantes, das imposições sociais, do imperativo do consumo e das novas relações humanas mediadas por aparatos não corporais, o que submete o corpo à superficialização de suas necessidades.

Isso não isenta, no entanto, a parcela de responsabilidade que é possível atribuir às imagens. Imagem e corpo estão inseridos em um processo de dupla-troca: o corpo reconfigura as imagens e as imagens reconfiguram os corpos, ou vice-versa. Isso não é novidade, cada sociedade, ao seu modo, se relaciona com imagens e por elas são influenciadas. Mas, em um sistema pós-industrial, marcado pela presença massiva das mídias, pela tendência globalizante dos costumes, pela virtualização do mundo e pela superprodução imagética, a relação imagem-corpo parece ter encontrado caminhos ainda mais radicais do que os que foram previstos por Vilem Flusser.

Hoje, já é possível apreender uma nova configuração social, na qual o corpo parece perder funcionalidades ante as imagens. A estrutura orgânica tem se tornando insuficiente, por isso, é preciso formatá-la, ajustando-a às ações ilimitadas e poderosas das ferramentas digitalizantes, marcadas em nossa sociedade pelo discurso otimista da tecnociência, que se propõe a salvar a matéria corrompível por meio de intervenções imaginadas somente em filmes de ficção científica. É preciso expurgar do corpo todo tipo de imperfeição, desde as marcas na pele aos “erros” no código genético. É imperativo transformá-lo a qualquer custo – e geralmente custa bem caro – para que se torne uma superfície apreciável, estática e irretocável. O que levaria ao domínio absoluto do corpo-imagem.

Se essas constatações se concretizarem de fato, e as imposições sobre o corpo se apresentarem de forma ainda mais radical, será possível falar de corpo no futuro? Que será da estrutura biológica sem as marcas do tempo? Conseguirão os indivíduos lidar com rostos sem expressão? Em 2002, Sibilia prenunciou o desenvolvimento paulatino de um homem pós-orgânico, afetado no corpo e na subjetividade pelas tecnologias digitais. Passada mais de uma década desde a publicação do livro, muitas das considerações apresentadas pela autora têm se confirmado de maneira bastante precisa. O que torna a discussão sobre esse tema tão atual quanto urgente.

Dessa reflexão acerca do corpo-imagem, duas hipóteses podem ser levantadas: 1) Será desencadeada uma crise profunda. Os indivíduos passarão a questionar a própria humanidade dentro do corpo imagético, no qual os sentidos estarão anestesiados em decorrência dos domínios da visão. 2) A sociedade passará por uma

reconfiguração radical. Os valores serão voltados às necessidades do corpo-imagem, direcionadas para uma existência em superfície. O que configuraria a ruptura radical da subjetividade como um dos principais ideais Românticos, que permeiam o imaginário há pelo menos três séculos.

Obviamente que a sociedade passará por reconfigurações necessárias para atender às novas exigências que são demandas pelas novas estruturas que se consolidam, e não seria razoável fazer a defesa da manutenção de padrões que já deveriam ter sido superados. É necessário, então, pensar na representação das imagens dos corpos – ou seria criação? – para que os corpos possam existir e se configurar em suas múltiplas formas.

A questão que é tomada como central – e necessária – neste estudo é a discussão sobre os limites das imposições da visualidade. Limites não no sentido de censura, mas de considerações racionais e plurais, que possam atender às mais diversas necessidades dos indivíduos. Dessa forma, a argumentação aqui apresentada não se situa como um percurso para apresentar respostas definitivas. Ao contrário, visa instigar inquietações para que o percurso de construção – e reconstrução – do pensamento possa ser uma constante.

Referências

BAITELLO JUNIOR, Norval. Podem as imagens devorar os corpos? In: **Revista Sala Preta** (USP), v.1, p. 77-82, 2007. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/salapreta/issue/view/4699/showToc>. Acesso em: 27 jun. 2014.

_____. **A era da iconofagia**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

_____. **As imagens que nos devoram. Antropofagia e Iconofagia**. São Paulo: Centro interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia, 2000. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/portal/index.php/biblioteca/viewdownload/7-baitello-junior-norval/5-as-imagens-que-nos-devoram-antropofagia-e-iconofagia.html#>. Acesso em 09 out. 2014.

BAUDRILLARD, Jean. **A ilusão vital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2009.

_____. **O universo das imagens técnicas**: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.

LOWEN, Alexandre. **Narcisismo**: negação do verdadeiro self. São Paulo: Editora Cultrix, 1993.

MACHADO, Juremir. **A sociedade *midíocre***. Passagem ao hiperespetacular: o fim do direito autoral, do livro e da escrita. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MEDEIROS, Margarida. **Fotografia e narcisismo**: o auto-retrato contemporâneo. Lisboa: Assírio e Alvim, 2000.

OLIVEIRA, Michel de. Indigestões imagéticas: simulações e iconofagias contemporâneas. In: Congresso Internacional em Comunicação e Consumo, 4., 2014, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ESPM, 2014. Disponível em: http://www.espm.br/download/Anais_Comunicon_2014/gts/gt_seis/GT6_OLIVEIRA.pdf. Acesso em: 07 nov. 2014.

SIBILIA, Paula. O corpo velho como uma imagem com falhas: A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice. In: **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 9, p. 83-114, 2012. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/345>. Acesso em: 10 out. 2014.

_____. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. O pavor da carne: riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo. In: **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 25, p. 68-84, 2004. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3286/2544>. Acesso em: 10 out. 2014.

_____. **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.